

## DESCOLONIZANDO O *SERMÃO XIV*, DO PADRE ANTONIO VIEIRA

### DECOLONIZING THE SERMON XIV, BY FATHER ANTONIO VIEIRA

Maria Perla Araujo Morais

Universidade Federal do Mato Grosso

**Resumo:** Neste artigo, analisaremos como o *Sermão XIV*, de Padre Antonio Vieira, trata da população negra africana escravizada no Brasil. O texto de Vieira recorre ao arcabouço bíblico para justificar a escravização e afirmar que ela seria um passo para a conquista da salvação. Vieira, portanto, é incapaz de apostar numa libertação do sistema colonial para os escravizados. A salvação estaria reservada ao reino dos céus, o que nos faz perceber que o padre utiliza o mesmo substrato religioso para colonos e escravizados. A partir dos debates contemporâneos, somos capazes de ler esse sermão, questionando a saída de Vieira ao problema efetivo da escravização dos negros no Brasil na sociedade colonial.

**Palavras-chave:** Sermão XIV; Padre Antonio Vieira; escravização

**Abstract:** In this paper we analyze how the *Sermão XIV*, by Padre Antonio Vieira, deals with the black African enslaved population in Brazil. Vieira's text resorts to the biblical framework to justify slavery and affirm that it would be a step towards the conquest of salvation. Vieira is, therefore, unable to bet on a liberation from the colonial system for the enslaved. Salvation would be reserved for the kingdom of heaven, which makes us realize that the priest uses the same religious substratum for both the colonists and the enslaved. Based on contemporary debates we are able to read this sermon problematizing Vieira's way out to the effective problem of the enslavement of black people in Brazil's colonial society.

**Key-words:** Sermon XIV; Padre Antonio Vieira; enslavement

**Recebido em 04 de maio de 2023.**

**Aprovado em 15 de dezembro de 2023.**

### Introdução

Em 2017, foi inaugurado, em Lisboa, um monumento a Padre Antonio Vieira, em homenagem ao seu papel no processo de colonização do Brasil, em especial sua discutível defesa dos povos escravizados. A estátua lisboeta faz questão de mostrar essa aproximação do padre e as colônias, ao dispor três crianças indígenas ao redor de Vieira. Porém, logo em seguida à inauguração, a palavra “descoloniza” apareceu escrita no monumento, rasurando a homenagem prestada. Esse tipo de intervenção deixa à mostra o quão problemática é a associação do padre à imagem de defensor dos indígenas e negros escravizados, sobretudo quando fazemos a leitura de sua obra sabendo dos debates contemporâneos acerca da colonização.

Neste texto, pretendemos estudar como Padre Vieira trata dos negros escravizados no *Sermão XIV*, da série do Rosário. O sermão foi proferido em 1633 para a comunidade de negros de um engenho na região do Recôncavo Baiano. Como jesuíta, Vieira atuava, no Brasil, na “catequização” das populações autóctones ou, em outras palavras, na colonização religiosa dos escravizados. Enfatizava, com isso, a construção política do Estado Português a partir dessa íntima aliança com a Igreja Católica. Suas posições polêmicas em relação aos indígenas, negros escravizados ou, até mesmo, cristãos novos devem ser relacionadas ao seu projeto de fundação do Quinto Império português. Assim, Vieira tinha um pensamento estratégico dentro do sistema colonial, por isso os seus *Sermões* devem ser pensados também para além de um exercício religioso ou escrita barroca.

Para se ter uma ideia, há uma diferenciação quanto à escravização em território colonial brasileiro dentro dos escritos de Vieira, o que pode revelar um íntimo entendimento da desvantagem entre os jesuítas e senhores de engenho e conquistadores: os indígenas estão associados a uma imagem da “natural igualdade”, possibilitando que se defenda esse grupo em algumas condições; os negros africanos são vistos como aqueles que alcançariam a salvação pela imolação da escravização, operando neles o puro argumento teleológico de que o fim da realidade terrena é Deus (PÉCORA, 2008). No caso da população negra, portanto, não observamos nenhuma interferência no sistema colonial, mas o argumento religioso de que a escravização seria uma imolação necessária para se salvar a alma.

Quando pensamos nessas diferenças, não podemos recorrer só ao pensamento aristotélico da servidão natural reservado aos escravizados. Cada colônia desenvolverá suas especificidades e, no caso do Brasil, o profundo conhecimento das atividades econômicas da colônia no século XVII demonstrado pela população negra africana, junto ao lucrativo comércio do tráfico negreiro serão aspectos fundamentais para que a escravização dessa população seja sustentada juridicamente e também pela própria religião. No *Sermão XIV*, veremos Vieira recorrendo ao arcabouço religioso para defender que o sofrimento do povo africano escravizado terá como recompensa a conquista do reino dos céus. Vieira, ao apresentar esse tipo de salvação, trata o escravizado com o arcabouço cristão que poderia ser direcionado para o colono, não reconhecendo a diferença de condições em que ambos (colonizadores e escravizados) estão, por isso não consegue fazer proposições que, efetivamente, defendam a liberdade dos negros.

Quando na estátua de Padre Antonio Vieira aparece o imperativo “descoloniza”, podemos nos valer das reflexões que hoje temos sobre a descolonização para pensar nesse sistema complexo que foi a colonização. Nesse sistema, ações têm implicações econômicas, sociais e políticas, além de puramente religiosas. Além disso, ele foi o que estruturou a sociedade brasileira, portanto nossa visão sobre as populações mais vulneráveis como indígenas e negros vem embasada nesse longo histórico de violência.

A seguir, analisaremos o *Sermão XIV*, de Vieira, e a posição do padre em relação à escravização da população negra africana.

## **1- Descolonizar abordagens coloniais**

Giorgio Agambem (2009) nos explica que o contemporâneo é aquele tempo disjuntivo que nos permite ver algo para além do excesso de luz em que vivemos. Essa luz pode ser associada à própria razão esclarecida, herdeira do pensamento progressista e iluminista dos séculos XVIII e XIX. Sendo hegemônico esse pensamento, ele sustenta nossos sistemas econômicos, sociais e políticos, fazendo-nos apostar num entendimento linear e homogêneo de nossas sociedades. Desse ponto de vista, nosso destino como sociedade seria uma corrida rumo a um “fim da história”, garantidos por nossos progressos econômicos. Uma maneira de observar esse excesso de luz em nossa história cultural seria o equivalente a afirmar que o colonialismo, como um sistema de poder, teria findado nos países que se tornaram independentes.

Entretanto, quanto pensamos nas complexidades em que vivemos, sobretudo nos países que passaram pela colonização, notamos que nossas histórias devem ser vistas como processos fragmentados e nossas culturas são heterogêneas. O Estado colonial forma as bases dos Estados independentes, assim como as sociedades. Portanto, é impossível que sistemas, formas de pensar e se relacionar na colônia ainda não estejam em plena operação em Estados independentes.

Boaventura de Sousa Santos, pensando na especificidade da colonização portuguesa, afirma que Portugal será responsável pela criação de um Estado que incorpora as dinâmicas coloniais de maneira mais produtiva do que as capitalistas:

Portugal impregnou de modo muito particular e intenso as configurações de poder social, político e cultural, não só nas colônias como no seio da própria sociedade portuguesa. Se o poder capitalista moderno foi sempre colonial, em Portugal e suas colônias ele foi sempre mais colonial do que capitalista. Esta impregnação colonial do poder, longe de ter terminado com o colonialismo, continuou e continua a

reproduzir-se. Por outras palavras, talvez mais do que em qualquer outro colonialismo europeu, o fim do colonialismo político não determinou o fim do colonialismo social, nem nas ex-colónias, nem na ex-potência colonial (SANTOS, 2018, p. 574)

O colonialismo português engendra práticas sociais, políticas e econômicas cuja manutenção pode explicar a extrema desigualdade em que os países que foram colonizados por Portugal vivem. Por isso, em vez de apostar no excesso de luz sobre o fim do colonialismo, poderíamos ser capazes de discutir a sua permanência como uma base sobre a qual se estruturam nossas sociedades.

O imperativo “descoloniza” é extremamente atual no sentido de promover não só o entendimento das estruturas coloniais que formam os países que passaram pela colonização, mas de projetar novas formas de organizar a sociedade para além da forma excludente, desigual e violenta que nos caracteriza.

Um importante instrumental crítico que nos ajuda a entender a descolonização é o pensamento produzido às margens das epistemologias do norte, como o feminismo negro, o pensamento afrodiaspórico, a decolonialidade e as epistemologias do sul. Em todos eles, há um objetivo de refletir sobre diferentes aspectos coloniais formadores das sociedades modernas. A decolonialidade, por exemplo, se caracteriza por um “engajamento crítico com as teorias da modernidade, que tendem a servir de estruturas epistemológicas das ciências sociais e humanidades europeias” (MALDONADO-TORRES, 2019, p. 29) O decolonial entende a modernidade ocidental como um conjunto de práticas e pensamentos que devem ser questionadas no sentido de que, ao contrário do que afirmam, legitimam uma colonialidade. Embora o pensamento moderno defenda que se constrói em oposição a um pré-moderno ou não moderno, na realidade ele se estrutura numa colonialidade que impede que vejamos “além da modernidade”. O lugar legítimo da diversidade é desconsiderado, porque é considerado menos moderno pela colonialidade.

Assim, em prol do elogio à modernidade, o que se promove é um verdadeiro etnocídio. Ailton Krenak, líder indígena pertencente à etnia Krenak em Minas Gerais, discorre sobre como esse ímpeto de consumir natureza e subjetividades em prol de uma “abstração civilizatória” impede a diversidade, tendo consequência direta o extermínio de minorias, sobretudo a indígena em países que passaram pela colonização:

A ideia de nós, os humanos, nos descolarmos da terra, vivendo numa abstração civilizatória, é absurda. Ela suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de

vida, de existência e de hábitos. Oferece o mesmo cardápio, o mesmo figurino e, se possível, a mesma língua para todo mundo. (KRENAK, 2019, p. 12)

Se Krenak articula em seu texto ideias para adiar o fim do mundo, Davi Kopenawa, líder político do povo Yanomani, se vale de uma mensagem semelhante no título de sua obra em conjunto com o etnólogo francês Bruce Albert: *A queda do céu* (2010). De acordo com Kopenawa, o contato com os brancos, sobretudo feito por meio de missões religiosas, instituiu uma ruptura da comunidade Yanomani com seus antepassados e com a própria maneira como se relacionam com a floresta. As missões são responsáveis por demonizar todo o mundo cultural e identitário das populações originárias, gerando, assim, uma verdadeira “queda do céu”:

Foi então que começaram a nos amedrontar com as palavras de *Teosi*, e a nos ameaçar constantemente: “Não mascuem folhas de tabaco! É pecado, sua boca vai ficar queimada! Não bebam o pó de *yãkoana*, seu peito ficará enegrecido de pecado! Não riem e não copulem com as mulheres dos outros, é sujo! Não roubem o que lhes é recusado, é errado! *Teosi* só ficará satisfeito com vocês se responderem a ele!”. Era assim mesmo. Repetiam sem parar o nome de *Teosi*, em todas as suas falas: “Aceitem as palavras de *Teosi*! Retornemos juntos para *Teosi*! Foi *Teosi* quem nos enviou! *Teosi* nos mandou para proteger vocês! Não recusem, ou queimarão após a morte no grande fogo de *Xupari*! Se seguirem *Satanasi* e suas palavras, vão queimar lá com ele e vai ser de dar dó! Se, ao contrário, vocês todos imitarem *Teosi* como nós, um dia, quando ele decidir, *Sesusi* descerá até nós e poderemos vê-lo aparecer nas nuvens!”. (KOPENAWA, 2015, p. 256)

Lilian Schwarcz nos ajuda a entender essa dinâmica quando explica que, na colonização, os cronistas geralmente descreviam as populações autóctones como sem fé, sem lei e sem rei (SCHWARCZ, 2012, p. 102). A partir dessa lógica, o que é distinto ao mundo cultural europeu é visto de maneira esvaziada, por isso tantos marcadores negativos vinculados à identidade indígena na passagem acima.

Centrados no seu mundo cultural, religioso e político, os colonizadores utilizaram essa dinâmica de esvaziamento para se legitimarem nos territórios. Esse tipo de ideia dava sustentação ideológica ao projeto exploratório colonial:

A ideia de que os brancos europeus podiam sair colonizando o resto do mundo estava sustentada na premissa de que havia uma humanidade esclarecida que precisava ir ao encontro da humanidade obscurecida, trazendo-a para essa luz incrível. Esse chamado para o seio da civilização sempre foi justificado pela noção de que existe um jeito de estar aqui na Terra, uma certa verdade, ou uma concepção de verdade, que guiou muitas das escolhas feitas em diferentes períodos da história. (KRENAK, 2019, p. 8)

Na contemporaneidade, principalmente em países que passaram pela colonização, é comum a literatura revisitar episódios da colonização para acrescentar a voz que foi silenciada nesses processos. O conto “Entrada no céu”, do moçambicano Mia Couto (2009), por exemplo, se estrutura a partir de uma conversa de um jovem com um padre católico, enfatizando como a religião foi uma importante aliada para a manutenção do Estado colonial português em Moçambique. No conto, o jovem questiona o padre sobre a noção de paraíso cristão, mostrando que, do jeito como era ensinado, seria quase impossível para um negro como ele entrar no céu. Dessa forma, expõe que o céu cristão seria uma imagem e semelhança do mundo colonial branco, uma vez que todos atributos negativos eram direcionados aos negros e todos as qualidades estavam nos colonizadores:

Se faça-me o favor, senhor padre, me diga: cuja essa entrada no Paraíso é à moda da raça, ou das cláusulas de sermos um zé-alguém? Os pretos como eu, salvo sou, apanham licença? Ou precisam pagar umas facilidades, encomendar um abre-boca nalgum mandante? (COUTO, 2009, p.77)

Na passagem, o narrador questiona se a ideia do paraíso cristão também não está colonizada porque foi construída por uma identidade que sempre se valorizou em detrimento aos povos colonizados. Dessa forma, todos os atributos para acessar o céu levam em conta uma realidade cultural e uma identidade dos brancos europeus, restando aos negros e indígenas se “assimilarem”, numa disputa desvantajosa pelo paraíso. Assim, nem diante da lei, muito menos da religião, os povos que passaram pela colonização são considerados iguais:

Por que aceitar eternamente esse desequilíbrio, essa contradição, por que admitir como natural e justo que o bem-estar e a felicidade de alguns tenha como contrapartida o mal-estar e a desgraça da imensa maioria? Não lhes dizem, em nome do cristianismo e da democracia, que todos são iguais diante de Deus e diante da Lei e que, por isso, devem ter as mesmas oportunidades de acesso à saúde, à educação, à cultural, ao conforto, à humanização, em suma? Ou essa ideologia é válida apenas nos limites da metrópole, perdendo significação e eficácia a partir do momento em que, transpondo o *mare nostrum*, penetramos as fronteiras do continente africano? (MEMMI, 1977, p. 11)

Albert Memmi afirma que tudo na colônia é colonial, portanto as relações mediadas pela religião também se constituem em um importante instrumento de afirmação do processo de exploração. Para desnaturalizar um processo que não era mais do que ideologia, seria necessário revisitá-lo à luz da crítica e, sobretudo, resgatar os textos daqueles que sofreram com o sistema colonial.

## 2- A queda do céu nos Sermões do Padre Antonio Vieira

O *Sermão XIV* (1633), de Vieira, foi pregado na Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, em Salvador. Vieira se dirige à população negra para estabelecer um vínculo entre os escravizados e figuras centrais do cristianismo e para mostrar como é possível a salvação com Cristo. Estabelece uma relação entre essa população e a mãe de Jesus, argumentando que eles são nascidos de Maria, assim como Jesus. A partir dessa vinculação, Vieira consegue resolver duas questões: a primeira, relacionada à necessidade de o povo africano se ver incluído ao projeto cristão e, depois, uma vez incluídos, cumprirem com a “obrigação de amar, venerar e servir a virgem”, servindo como propagados do evangelho. Para argumentar a relação filial entre Maria e a população negra, Vieira recorre a vários argumentos, inclusive o de que todos os que tiverem fé, independente de onde sejam, podem ser considerados nascidos de Maria:

Se um destes homens nascidos de Maria é Deus, o outro homem, também nascido de Maria, quem é? É todo o homem que tem a fé e conhecimento de Cristo, de qualquer qualidade, de qualquer nação e de qualquer cor que seja, ainda que a cor seja tão diferente da dos outros homens, como é a dos pretos. (VIEIRA, s.d., s.p.)

A argumentação de Vieira, apostando no vínculo, é interessante para a “catequização” da população negra, que poderia se ver partícipe de corpo de Cristo, uma vez que não era consenso esse tratamento. Embora a Segunda Escolástica, no século XVI, tenha defendido a lei natural em que todos poderiam pertencer à Igreja e, por extensão, ao Estado, muitos, pautados na ideia de selvageria das populações colonizadas, impediam essa extensão de fé (PÉCORRA, 2019). Por isso, Vieira fala aos negros, mas também fala aos demais que desqualificam a vinculação dessas populações à Igreja.

Entretanto, se esse tipo de postura pode ser argumento para que se defenda a estreita ligação de Vieira com os direitos das populações escravizadas, não podemos deixar de observar, ainda no mesmo *Sermão*, como aos poucos o padre também estabelece uma relação entre as dores dos castigos físicos dos escravizados e as que Jesus sofreu: “O terceiro nascimento, de que também se verificam as mesmas palavras, é o dos pretos, devotos da mesma Senhora, os quais também são seus filhos, e também nascidos entre as dores da cruz”. (VIEIRA, s.d., s.p)

Assim tanto Jesus, como os negros escravizados, compartilham o sofrimento. Esse tipo de relação impede que Vieira argumente contra “as dores”, porque seria como se ele também se rebelasse contra o que Jesus teria passado. Mais à frente, no mesmo *Sermão*, temos uma argumentação semelhante girando em torno dos mistérios gloriosos, dolorosos e gozosos, que compõem o Rosário. Em particular, como Vieira está se dirigindo aos negros escravizados nesse *Sermão*, explora os mistérios dolorosos, que estariam mais próximos a eles:

Resta o último e excelente documento de São João, também nova e segunda vez nascido ao pé da cruz: e qual é este documento? Que entre todos os mistérios do Rosário haveis de ser mais particularmente devotos dos que são mais próprios do vosso estado, da vossa vida e da vossa fortuna, que são os mistérios dolorosos. A todos os mistérios dolorosos - e não assim aos outros - se achou presente São João. Assistiu ao do Horto com os dois discípulos; assistiu ao dos açoites com a Virgem Santíssima no Pretório de Pilatos; assistiu do mesmo modo e no mesmo lugar à coroação de espinhos; seguiu ao Senhor com a Cruz às costas até ao Monte Calvário; e no mesmo Calvário se não apartou do seu lado até expirar e ser levado à sepultura. Estes foram os mistérios próprios do Discípulo amado, que, como a dor se mede pelo amor, a ele competiam mais os dolorosos. Estes foram os seus, e estes devem ser os vossos, e não só por devoção ou eleição, nem só por condição e semelhança da vossa cruz, mas por direito hereditário, desde o primeiro etíope ou preto que conheceu a Cristo e se batizou. É caso muito digno de que o saibais. (VIEIRA, s.d., s.p.)

Na passagem, Vieira aproxima, mais uma vez, a condição dos escravizados às dores de Jesus no seu calvário, acrescentando que, por “direito hereditário”, mais do que por “devoção”, o sofrimento seria a fortuna de quem conheceu a Cristo. Se pensarmos em todos os castigos físicos a que estão expostos os escravizados, o *Sermão* legitima a dor e propõe mais: que ela seja a medida exata do amor, porque a “a dor se mede pelo amor”. Assim, quanto mais amor, mais dor, e essa relação estaria em todos aqueles que seguem a Cristo.

Vieira se mostra insensível à condição de escravizado, ao se servir de um pensamento que fundamentava a visão cristã de mundo. Certamente as dores dos escravizados não eram iguais às dores dos colonos portugueses, então igualar todos sob a mesma regra (a dor se mede pelo amor) é tentar dar um ar de igualdade a uma situação que é extramente desigual. Além disso, a ideia serve para não pôr em xeque o mundo colonial que, àquela altura, prosperava às custas do trabalho escravizado. Então, Estado e religião estavam em conformidade no projeto colonial.

É a defesa desse mundo colonial/religioso que não permite o *Sermão* de apostar em saídas mais contundentes sobre a escravização, restringindo-se à constatação da difícil vida de escravizado nos engenhos. Na passagem abaixo, essa vida é comparada

ao inferno, com direito até a um jogo de comparação entre fornalhas e vulcões. Entretanto, não se nota um questionamento sobre essa condição, mas sim uma reforço porque seria, por meio dela, que se alcançaria o paraíso e os negros se metamorfoseariam em “anjos”:

E que coisa há na confusão deste mundo mais semelhante ao inferno que qualquer destes vossos engenhos, e tanto mais quanto de maior fábrica? (...) E, verdadeiramente, quem vir na escuridade da noite aquelas fornalhas tremendas perpetuamente ardentes; as labaredas que estão saindo a borbotões de cada uma, pelas duas bocas ou ventas por onde respiram o incêndio; os etíopes ou ciclopes banhados em suor, tão negros como robustos, que só ministram a grossa e dura matéria ao fogo, e os forçados com que o revolvem e atiçam; as caldeiras, ou lagos ferventes, com os cachões sempre batidos e rebatidos, já vomitando escumas, já exalando nuvens de vapores mais de calor que de fumo, e tornando-os a chover para outra vez os exalar; o ruído das rodas, das cadeias, da gente toda da cor da mesma noite, trabalhando vivamente, e gemendo tudo ao mesmo tempo, sem momento de tréguas nem de descanso; quem vir, enfim, toda a máquina e aparato confuso e estrondoso daquela Babilônia, não poderá duvidar, ainda que tenha visto Etnas e Vesúvios, que é uma semelhança de inferno. Mas, se entre todo esse ruído, as vozes que se ouvirem forem as do Rosário, orando e meditando os mistérios dolorosos, todo esse inferno se converterá em paraíso, o ruído em harmonia celestial, e os homens, posto que pretos, em anjos. (VIEIRA, s.d., s.p.)

Vieira, além de utilizar o texto bíblico para promover uma aceitação das “dores” da escravização, também se serve de um outro argumento que impede que o sistema colonial seja questionado: a exploração não é algo inerente à colônia, mas ocasionado por pessoas em específico, os senhores de engenho:

Os dolorosos - ouçam-me agora todos - os dolorosos são os que vos pertencem a vós, como os gozosos aos que, devendo-vos tratar como irmãos, se chamam vossos senhores. Eles mandam, e vós servis; eles dormem, e vós velais; eles descansam, e vós trabalhais; eles gozam o fruto de vossos trabalhos, e o que vós colheis deles é um trabalho sobre outro. Não há trabalhos mais doces que os das vossas oficinas; mas toda essa doçura para quem é? Sois como as abelhas, de quem disse o poeta: Sic vos non vobis mellificatis, apes. - O mesmo passa nas vossas colmeias. As abelhas fabricam o mel sim, mas não para si. E, posto que os que o logram é com tão diferente fortuna da vossa, se vós, porém, vos souberdes aproveitar dela, e conformá-la com o exemplo e paciência de Cristo, eu vos prometo primeiramente que esses mesmos trabalhos vos sejam muito doces, como foram ao mesmo Senhor (...) (VIEIRA, s.d., s.p.)

O problema da exploração é pensado a partir do viés da relação fraternal, porque, afinal, todos seriam filhos de Deus (“devendo-vos tratar como irmãos”). Os senhores de engenho, ao não respeitarem esse mandamento cristão, são culpabilizados, em vez de se questionar o sistema colonial como um todo. Mais uma vez o arcabouço cristão de leitura de mundo de Vieira impede que haja uma crítica mais enfática e produtiva em

relação à colônia e suas dinâmicas de exploração. Diante disso, reafirma-se o conselho de paciência e conformação à escravização a partir do exemplo de Cristo.

Cobrar da sociedade colonial a relação fraternal pregada nas Escrituras é desconsiderar que colônia não é metrópole. Nos limites da metrópole não há as relações escravagistas; já a colônia sobrevive dessas relações. Assim, se as Escrituras ajudaram a dar sentido à sociedade portuguesa, elas não dão conta das relações de exploração que acontecem nas colônias.

Numa típica argumentação barroca, Vieira chega a inverter a situação, ao afirmar que seriam os senhores dignos de pena e não os escravizados. A vantagem linguística permitida pelo conceptismo barroco se estrutura a partir da diferenciação entre os mistérios gozosos, dolorosos e gloriosos, vistos como etapas que se seguem. Se os escravizados já teriam passado pelos dolorosos em vida, no céu gozariam dos mistérios gloriosos:

Não é isto o que nos ensinou a Senhora do Rosário na ordem e disposição do mesmo Rosário. Depois dos mistérios gozosos pôs os dolorosos, e depois dos dolorosos os gloriosos. Por quê? Porque os gostos desta vida têm por consequência as penas, e as penas, pelo contrário, as glórias. E se esta é a ordem que Deus guardou com seu Filho e com sua Mãe, vejam os demais o que fará com eles. Mais inveja devem ter vossos senhores às vossas penas do que vós aos seus gostos, a que servis com tanto trabalho. Imitai, pois, ao Filho e à Mãe de Deus, e acompanhai-os com São João nos seus mistérios dolorosos, como próprios da vossa condição e da vossa fortuna, baixa e penosa nesta vida, mas alta e gloriosa na outra. No céu cantareis os mistérios gozosos e gloriosos com os anjos, e lá vos gloriareis de ter suprido com grande merecimento o que eles não podem, no contínuo exercício dos dolorosos. (VIEIRA, s.d., s.p.)

Observemos mais um aspecto que corrobora para afirmarmos que a situação de Vieira em relação à defesa dos escravizados é, no mínimo, complexa :

Começando, pois, pelas obrigações que nascem do vosso novo e tão alto nascimento, a primeira e maior de todas é que deveis dar infinitas graças a Deus por vos ter dado conhecimento de si, e por vos ter tirado de vossas terras, onde vossos pais e vós vivíeis como gentios, e vos ter trazidos a esta, onde, instruídos na fé, vivais como cristãos, e vos salveis. Fez Deus tanto caso de vós, e disto mesmo que vos digo, que mil anos antes de vir ao mundo, o mandou escrever nos seus livros, que são as Escrituras Sagradas. - Virá tempo, diz Davi, em que os etíopes - que sois vós - deixada a gentildade e idolatria, se hão de ajoelhar diante do verdadeiro Deus: (VIEIRA, s.d., s.p.)

Nesta passagem, está exposto que o sequestro da população negra no continente africano seria um dos motivos de sua salvação. Ao contrário, os que ainda permanecem em solo africano são “gentios”, sem conhecimento de si e vivem na idolatria de deuses

falsos. Assim, se há alguma defesa da população escravizada, isso fica restrito aos que se converteram a fé cristã. O argumento faz sentido para tudo o que o padre defendeu no *Sermão* e justifica a colonização, porque seria a partir da conversão que os negros teriam se salvado. Dentro da lógica barroca que comumente inverte os papéis, diríamos que, pela argumentação de Vieira, a partir da prisão os escravizados teriam conhecido a verdadeira liberdade.

Vieira defende uma ideia de liberdade aos escravizados dentro um arcabouço cristão, condenando os que não se converteram e imaginando uma salvação no reino dos céus aos que abraçaram o catolicismo. Baseado nessa maneira de ver o mundo, é impossível imaginar uma liberdade que consista também em aceitação da diversidade cultural e religiosa dos negros. Por isso, se Vieira prega alguma liberdade, ela é exclusiva para os que se converteram e não será feita nesse mundo. Por isso, religião e Estado colonial se retroalimentam nos sermões.

Por último, vejamos mais essa argumentação de Vieira a fim de mostrar a relação entre os negros escravizados e a figura de Jesus Cristo:

Quando Nicodemos de mestre da lei se fez discípulo de Cristo, disse-lhe o Senhor três coisas notáveis. A primeira, que para ele, Nicodemos, e qualquer outro se salvar, era necessário nascer de novo: Nisi quis renatus fueri denuo, non potest videre regnum Dei(25). - A segunda, que ninguém sobe ao céu, senão quem desceu do céu: Nemo ascendit in caelum, nisi qui descendit de caelo(26): A terceira, que para isto se conseguir, havia de morrer em uma cruz o mesmo Cristo. (VIEIRA, s.d., s.p.)

Fixemo-nos no pensamento de Vieira de que “ninguém sobe ao céu, senão quem desceu do céu” porque o que está sendo afirmado nessa máxima é a necessidade de conversão para que retorne ao céu aquele que já desceu dele. O argumento expõe uma íntima simbiose entre os movimentos de decida e subida ao céu, em que um depende de outro para que ocorra a salvação. Pensando no título do livro de Davi Kopenawa, *A queda céu*, a mensagem de Vieira não poderia ser mais elucidativa. Para os escravizados, não houve esse movimento simbiótico apregoado pelo jesuíta, mas, simplesmente, um movimento abrupto em que o reino do céu se transformou no reino da terra. O cenário, menos idílico do que Vieira queria, anuncia uma distopia para nações que tinham suas formas de organização ou foram sequestradas de seus lares para o servir de mão de obra do sistema colonial. O céu caindo na terra era um alerta para uma homogeneização que foi responsável por um verdadeiro etnocídio durante a colonização.

## Conclusão

Neste texto, analisamos o *Sermão XIV*, de Padre Antonio Vieira, para entender como o jesuíta se refere à população negra escravizada pelo sistema colonial português. Vieira advoga, nesse texto, pela necessidade de incluir essa população no projeto de colonização religiosa, estabelecendo relações entre os negros e figuras centrais do cristianismo. Nesse sentido, é importante sua argumentação de que essa população seria filho de Maria e suas chagas se assemelhariam a de Cristo.

Entretanto, ao mesmo tempo em que o arcabouço cristão inclui os negros como partícipes da salvação por meio da fé, também observamos que o cristianismo impede o padre de ver a questão da liberdade para além do aspecto religioso. Nivelando todos sob os dogmas da Igreja, Vieira é incapaz de apostar numa libertação do sistema colonial para os escravizados. A salvação viria do reino dos céus tanto para os colonos como para os negros, eximindo-se de realizar um debate social mais profundo que o problema necessitava.

Portanto, é importante ainda voltarmos aos *Sermões*, de Padre Antonio Vieira, para procurar neles o que é ruptura ou o que é permanência do sistema colonial no qual estava inserido.

## Referências

AGAMBEM, Giorgio. *O que é contemporâneo e outros ensaios*. Trad. Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

COUTO, Mia. *O fio das missangas: contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KOPENAWA, Davi e ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomani*. Trad. Beatriz Perrone Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

PÉCORRA, Alcir. *Teatro do Sacramento: a unidade teológico-retórico-política dos sermões de Antônio Vieira*. Campinas: Editora da UNICAMP; São Paulo: Editora da USP, 2008.

\_\_\_\_\_. A escravidão nos sermões do Padre Antonio Vieira. *Estudos Avançados*, 33, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/164926/158056>. Acesso em 23/04/2023.

SCHWARCZ, Lilian. Racismo no Brasil: quando a inclusão combina com a exclusão. IN: VOTELHO, André e SCHWARCZ, Lilian (orgs). *Cidadania, um projeto em construção*. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*. Trad. Roland Corbisier e Mariza Pinto Coelho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Construindo as epistemologias do Sul; para um pensamento alternativo das alternativas*. Volume 1, 2018, CLACSO, Buenos Aires.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze, MALDONADO-TORRES, Nelson, GROSGOUEL, Ramón. (orgs.) *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019

VIEIRA, Padre Antonio. *Sermão XIV*. Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=134970> Acesso em 08/04/2023